

Revista Mídia e Cotidiano
Artigo Seção Temática
Volume 13, Número 2, agosto de 2019
Submetido em: 17/06/2019
Aprovado em: 08/08/2019

A postagem de nudes na plataforma Facebook sob a ótica do neotribalismo

The posting of nudes on the Facebook platform under the optics of neotribalism

Cynthia CORREA¹
Carolina MURAD²

Resumo

A interação no ciberespaço remete à ideia de hedonismo e presentismo em que a efemeridade é recorrente, quando novos comportamentos são fomentados, como o fenômeno da postagem de *nudes* que passou a ganhar destaque. Diante da crescente necessidade de visibilidade por parte do sujeito pós-moderno, que coloca em xeque as noções de público e privado, este artigo tem como objetivo compreender o fenômeno da prática de *nudes*, a partir de um estudo de caso da comunidade *Ousadia permitida* via plataforma *Facebook*. A pesquisa foi realizada com base em revisão teórica, na técnica da etnografia virtual, na aplicação de enquete e condução de entrevistas. Entre os resultados, observa-se que a busca de visibilidade é alcançada na comunidade. Além disso, o grupo elabora estratégias para driblar os mecanismos do *Facebook* que coíbem a exposição de nudez, vigorando o sentimento de pertença que mantém os integrantes unidos.

Palavras-chave: Cultura digital; Nudes; Facebook; Visibilidade; Neotribalismo.

Abstract

Interaction in cyberspace refers to the idea of hedonism and presenteeism in which ephemerality is recurrent when new behaviors are fostered, such as the phenomenon of posting nudes, which began to gain prominence. Considering the growing need for visibility of the subject in post-modern times, which challenges notions of public and private, this article aims to understand the phenomenon of nudes-posting practice. In this context, we present a case study of the community *Ousadia permitida* via the Facebook platform. The research was guided by a literature review, applying the virtual ethnography technique, and conducting a poll and interviews. The results include the observation that users' search for visibility is being achieved in the community. Additionally, the group elaborates strategies to circumvent Facebook mechanisms that

¹ Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Humanitas Digitalis (USP/CNPq). E-mail: cynthia.correa@outlook.com

² Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo (USP). Integrante do Grupo de Pesquisa Humanitas Digitalis (USP/CNPq). E-mail: carolinamurad@usp.br

curb exposure to nudity, while maintaining the sense of belonging that holds the members together.

Keywords: Digital culture; Nudes; Facebook; Visibility; Neotribalism.

Introdução

As formas de se relacionar na pós-modernidade são modificadas quando os sujeitos elegem o ambiente digital como espaço de trocas e confidências, passando a incorporar novos valores à vida cotidiana, sobretudo, por meio das práticas interacionais estabelecidas via plataformas de redes sociais. Por exemplo, a noção de curtir postagens e de compartilhar conteúdo com o tempo se tornou popular, sendo que hoje está totalmente incorporada ao imaginário social dos participantes. Nesse contexto, outra mudança de perspectiva é notada com referência às concepções de público e de privado, uma vez que a exposição da intimidade em busca de visibilidade é tema recorrente nas plataformas de redes sociais.

Devido às diferentes formas de relações humanas que se constituem na atualidade, baseadas no contato via ambiente digital ou virtual, o objetivo deste artigo é compreender o fenômeno da prática de *nudes* mediante a publicação de relatos íntimos por meio de escritos ou imagens, como as *selfies*, a partir de um estudo de caso da comunidade *Ousadia permitida* via plataforma *Facebook*. À época em que o grupo foi criado, em maio de 2018, havia cerca de 300 participantes, um ano depois, em maio de 2019, estavam registrados mais de 2.000 integrantes (OUSADIA PERMITIDA, 2019).

O termo *nudes* se origina do inglês e significa “nus”. Em pouco tempo, a expressão “manda *nudes*” se popularizou sendo usada quando alguém solicita ao outro que envie uma *selfie* (autorretrato) sem vestimenta. Entretanto, a prática não se restringe às conversas reservadas em salas de *chat* ou a trocas de mensagens via o chamado *in box* (canais de bate-papo privados que comumente se limitam a algumas pessoas), pois hoje existem vários grupos sobre *nudes* disseminados pelos mais diferentes sistemas de comunicação.

Vale destacar que as formas de se relacionar em comunidades virtuais de natureza tribal e a divulgação de si são consequências de uma quebra de paradigmas caracterizada pela passagem da modernidade para a pós-modernidade (MAFFESOLI,

1998). Com o declínio da individualidade oriunda do iluminismo e das práticas burguesas, os livros dos escritores românticos - vistos como janelas para o mundo e lidos na intimidade dos quartos - passam a ser substituídos pelas janelas dos dispositivos eletrônicos, capazes de rastrear os comportamentos *online*, por meio da atuação dos algoritmos. As janelas do ambiente digital, além de serem maiores em termos de número, de alcance e de velocidade, servem para adentrar e espreitar os lares e a intimidade do sujeito contemporâneo via *webcam*, por exemplo.

Como procedimentos metodológicos, a pesquisa baseou-se em revisão teórica e na adoção da técnica da etnografia virtual (HINE, 2015), que se refere à observação comportamental dos sujeitos no ciberespaço, com participação ativa ou não das pesquisadoras. Desse modo, é possível examinar tanto a interação dos usuários quanto as mudanças executadas pela plataforma, como é o caso das alterações frequentes nos termos de uso na rede social *Facebook*. Conforme as demandas surgem, a plataforma se adequa. Tem-se como exemplo a proibição de divulgar imagens com seios desnudos, que hoje já é aceita, mas foi preciso modificar a política de postagens para atender as reivindicações dos usuários no que diz respeito ao compartilhamento de imagens que abordam a temática da amamentação e mastectomia.

De acordo com Hine (2015), a etnografia virtual fornece uma maneira distinta e muito útil de examinar a *Internet*, o que permite desenvolver uma compreensão profunda sobre as texturas da experiência social que despontam à medida que as pessoas se envolvem com as várias tecnologias que compõem a rede contemporânea. Neste estudo, não houve participação ativa das pesquisadoras, portanto, foram coletadas informações a respeito da interação na comunidade de julho a setembro de 2018, período em que a comunidade foi acompanhada diariamente.

Houve a compilação das postagens diárias, bem como a seleção daquelas que mais geraram engajamentos. Nesse sentido, pode-se perceber as práticas que se repetiam no cotidiano e como se dava a interação comunicacional, o que possibilitou classificar o conteúdo postado em categorias diversas. Ao coletar o conteúdo compartilhado, foi possível elaborar uma lista ordenando as postagens líderes, ou seja, as que apareceram com mais frequência conforme as categorias estabelecidas, para depois relacionar as que receberam maior número de engajamentos do tipo curtidas, reações e comentários. As

categorias que apareceram frequentemente, representando as postagens mais relevantes foram: *selfies* e *selfies/nudes*, brincadeiras interativas, enquetes e *memes*. Esta última, por ser composta de temas diversos, foi dividida em três tipos: *meme* mensagem, *meme* cumprimento e *meme* piada.

As menções nos comentários não foram contabilizadas. Com isso, pretendeu-se selecionar as postagens que geraram mais engajamentos, revelando aquelas que pareciam alcançar maior visibilidade. Das 748 postagens coletadas, foram identificadas 215 *selfies* - comuns e com *nudes*, 195 enquetes, 194 *memes* - cumprimento, mensagens e piadas, 92 postagens com brincadeiras interativas e 31 *posts* com mensagens em texto, foto/cumprimento e *post* só com foto. Em seguida, houve sete registros sobre a sala secreta e 14 de vídeos (com conteúdos aleatórios, mensagens, vídeo cumprimento e piada). Foto/ cumprimento se refere à imagem dos participantes desejando bom dia, boa tarde e afins, outras vezes havia fotos aleatórias, como a de um participante que mencionou uma enchente no local de residência.

Ainda foi aplicada uma enquete com a proposta de obter respostas sobre a motivação dos participantes para integrarem o grupo, além de buscar conhecer o processo de interação. Houve 30 respondentes, embora a enquete tenha ficado disponível por quase quatro meses na página da comunidade. A enquete pretendeu traçar um perfil dos participantes ao questionar faixa etária, motivação para participação, interesse em tipos de postagens do tipo *nudes*, enquetes ou brincadeiras interativas, desejo de encontro presencial, interesse em sexo virtual, a reação que desejavam ao postar *selfie* e se costumavam postar *nudes*.

Por fim, foi realizada uma entrevista de tipo semiestruturada com o casal de administradores (administradora A e administrador B), que são os fundadores da *Ousadia permitida*, com a intenção de entender melhor como funcionava a interação não apenas entre os participantes, mas também da gerência da plataforma *Facebook* com a comunidade, assim como dos administradores com os integrantes da *Ousadia permitida*. Com a entrevista, buscou-se respostas que explicassem o surgimento da comunidade e a motivação para criá-la, visando apreender a dinâmica comunicacional nesse tipo de comunidade. Procurou-se também saber se as pessoas costumavam respeitar as regras estabelecidas pela comunidade e pela plataforma e como isso acarretava na saída ou

abandono dos participantes do grupo. Aqui ressalta-se a importância de tal resposta para compreender a experiência ética (MAFFESOLI, 1998) de grupo.

Intimidade e visibilidade na pós-modernidade

Nas redes sociais, nota-se a emergência da necessidade de se ampliar a visibilidade dos sujeitos. É comum que as pessoas tornem visíveis as atividades diárias por meio da publicação de relatos e imagens, quando as fronteiras que definiam os limites entre público e privado tomam novas configurações. Nessa conjuntura, os sujeitos têm em mãos ferramentas para a autoconstrução e divulgação via ciberespaço. “Hoje como nunca, portanto, qualquer um realmente *pode* - e habitualmente *quer*, talvez inclusive *deva*-se mostrar como um personagem audiovisual” (SIBILIA, 2016, p. 319). A autora faz uma alusão à virada do século em que esses canais inerentes às redes de comunicação marcaram a passagem da subjetividade introdirigida para a alterdirigida. Trata-se do declínio da ideia de individualidade surgida no século XIX, quando a construção de si se fazia na clausura dos quartos burgueses, sendo que agora, na pós-modernidade, a vida privada invade o ciberespaço com o desejo de ser contemplada por seus pares, cujo sucesso é medido a partir da quantidade de *like* ou curtida em cada postagem. Relatos e imagens de cunho íntimo são avaliados e julgados constantemente. O eu que se constrói e se torna visível pela divulgação da intimidade é legitimado à medida que são consolidadas as trocas entre usuários por meio de reações de engajamentos e publicações de comentários. Nesse sentido, é confirmada a ideia de que os limites que demarcavam o privado e o público vem se fragmentando na atualidade.

Conforme Sibilialia (2016, p. 304), nas novas configurações estruturadas na pós-modernidade, surge “[...] uma subjetividade que deseja ser amada e apreciada por seus pares, não exatamente por seus superiores nas antiquadas hierarquias das instituições disciplinares”. Assim, a intimidade se converte no que a autora chama de extimidade, ou seja, o que era tido como íntimo é agora exposto a fim de ser apreciado. Ou nas palavras de Machado (2003) que, ao propor o conceito de tecnologias do imaginário, afirma que o panóptico de Foucault (2014) na modernidade dá lugar ao panórgico:

As tecnologias do imaginário, em contrapartida, inserem-se na (des)ordem do ‘panórgico’: a vivência como imersão total na

caogênese. No panóptico, o *Big Brother* tudo espiona. No panórgico, *reality shows*, por exemplo, cada um se exhibe para o Grande Olho. No panóptico, o Grande Irmão invade a privacidade de todos. No panórgico, a privacidade invade o espaço público por conta própria (MACHADO, 2003, p. 59).

O fluxo informacional cresce consideravelmente, uma vez que as pessoas são ao mesmo tempo produtoras, receptoras e emissoras. De posse das novas ferramentas tecnológicas do ciberespaço, o sujeito pós-moderno é seduzido e adere por vontade própria, e não mais por obrigação ou submissão, ao que Machado (2003) denominou de tecnologias de sedução, em que os contratos são revogáveis a qualquer momento. Então, não se pode mais falar da supremacia do emissor sobre o receptor pois: “Todo controle enfrenta a corrosão da potência do controlado”. (MACHADO, 2003, p. 43).

De maneira similar, Sibilia (2016) argumenta que há uma superexposição do que era tido como íntimo e aparentemente banal, pois parece fascinante aos olhares alheios. Os sujeitos na pós-modernidade, então familiarizados com a sociedade do espetáculo, recorrem às ferramentas do ciberespaço, como é o caso das possibilidades ofertadas pelas plataformas de redes sociais para a autoconstrução, preponderando um clamor para constituir seu espaço como celebridade, momento em que a visibilidade é alcançada. “Um complicado jogo de espelhos com os personagens midiáticos dispara processos de identificação efêmeros e fugazes, que promovem as inúmeras vantagens de reciclar regularmente a própria identidade” (SIBILIA, 2016, p. 313).

Trata-se do que Maffesoli (1996) denomina *personas*, quando as máscaras são vestidas pelas pessoas ao integrarem distintas tribos, de tal modo, predomina um eu social não como instituição, indivíduo, sociabilidade, e sim como tribo, pessoa, socialidade, no qual o coletivo toma lugar da unidade, tem-se então a unicidade. “Assim como há identificações sucessivas, em função dos diferentes momentos da comunicação, pode haver identificações de diversas facetas da própria pessoa”. (MAFFESOLI, 1996, p. 311). Ocorre a construção de uma subjetividade composta por “eus”, “nós”, sobrepostos, logo, domina a concepção de identidade fragmentada que é atravessada por subjetividades diversas e até contraditórias. A identidade é fragmentada e várias vozes falam *na e pela* pessoa, sendo mais pertinente falar em unicidade. Hibridismo, polifonia,

alteridade, fragmentação, instabilidade, fluidez e efemeridade são algumas das palavras que descrevem a cultura nascente na pós-modernidade.

Para Maffesoli (1998, p. 146), o neotribalismo é impulsionado na era digital ao dominar as novas tecnologias: “[...] com o auxílio da nova informática, essas formas de associação em vias de extensão que são as redes (o neotribalismo contemporâneo) se apoiam na integração e na recusa afetiva”. Na pós-modernidade, o afetual e o simbólico tomam a cena e o racionalismo é ultrapassado, consolida-se o período empático regido pela lógica do tocar. Os agrupamentos agora se opõem às instituições, e ao se constituírem de forma orgânica e complexa fogem à racionalidade própria das organizações societais.

O querer estar juntos

Pode-se pensar numa tríade: a aura estética composta pelo sentimento compartilhado tem como função agregar, e a partir daí a experiência ética - uma moralidade própria da tribo que não equivale às regras exteriores à tribo - é estruturada e elabora os laços que sedimentam o grupo, que são permeados pelos costumes que concebem a permanência e a existência da comunidade. O cotidiano tratado como banalidade muitas vezes é o que atribui forma e constitui o efêmero em constante devir, constância que se traduz em eternidade, ou nas palavras de Maffesoli (1996): dinamismo estático. Para dar corpo ao grupo, hoje não se recorre somente ao espaço físico, mas, sobretudo, ao ciberespaço, é a repetitividade como ritual que dá consistência representando a força vital do grupo. Dito de outro modo, é a potência intrínseca da comunidade.

A aura estética, o desejo de estar juntos funciona como motor erótico no sentido de agregar, pela identificação (MAFFESOLI, 1998), pois hoje as relações se estabelecem pela lógica do tocar própria do período empático que se contrapõe ao período óptico, inerente ao século precedente. O toque ocorre pela proxemia, na qual a lógica de identificação estimula a adesão dos sujeitos apoiada no querer estar juntos. No ambiente virtual, ao navegar pela Internet, o sujeito se sente atraído e seduzido quando se depara com a aura estética de determinada comunidade, e pelo reconhecimento se agrega com a intenção de estar junto. Assim, a lógica da identidade desliza para a lógica de

identificação que é de caráter coletivo, o que Maffesoli (2009) reconhece como narcisismo coletivo.

A identificação liga cada pessoa a um pequeno grupo ou a uma série de grupos, o que implica uma multiplicidade de valores em oposição. Isso fez com que se falasse erroneamente em narcisismo. Erroneamente na medida em que se concebe habitualmente o narcisismo como recolhimento ao mundo individual. Em contrapartida, pode-se imaginar um narcisismo coletivo. (MAFFESOLI, 2009, p. 23).

Nesse sentido, o autor complementa ao afirmar que o narcisismo coletivo dá ênfase à estética ao promover modos de vida, estilos particulares, comportamentos sexuais, portanto, tudo o que remete à paixão partilhada. Na pós-modernidade ainda em construção, o autor reivindica o olhar da sociologia compreensiva que permite constatar esse processo em formação sem intenção de julgamento. Logo, ao registrar o que se observa, é necessário isentar tais constatações da intenção de classificá-las nos antigos moldes que aniquilam a possibilidade de entendimento do que está nascendo.

Nessa configuração ainda em vias de estruturação, encontra-se: “[...] um corpo que busca realçar-se e *epifanizar-se* [...]. Mesmo nos aspectos mais íntimos, esse corpo é *construído* para ser visto e é teatralizado ao máximo”. (MAFFESOLI, 2009, p. 26). Conforme o autor, ao se incorporar ao grupo ocorre a transcendência do indivíduo, ou a ideia de desindividualização, a qual ele recorre quando elabora a noção de neotribalismo. “Nesses momentos, cria-se uma ‘alma coletiva’ na qual as atitudes, as identidades, e as individualidades se apagam”. (MAFFESOLI, 1998, p. 93). A alteridade que agora é acolhida na pós-modernidade é nomeada como harmonia conflitual, a heterogeneidade toma o lugar da homogeneidade oriunda do século anterior: “[...] A polifonia contemporânea dá conta de uma pluralidade de deuses em ação no construir de uma nova ‘cultura’”. (MAFFESOLI, 1998, p. 158).

Dado que o desejo de comungar no ciberespaço fala mais alto, apesar da proibição de promover a nudez e devido à vigilância por parte da plataforma *Facebook*, a postagem de *nudes* passa a ser recorrente em nome da manutenção dos costumes, já que os usuários utilizam-se de estratégias para driblar a vigilância, fala-se aqui da experiência ética de grupo (MAFFESOLI, 1998), que é construída pela aura estética. Em outras

palavras, prevalece o sentimento comum que visa ao estar juntos, configuração exclusiva das comunidades emocionais na sociedade pós-moderna, oriundas do neotribalismo. O *software #IsItNude* é uma ferramenta usada pela rede social *Facebook* para colaborar com a vigilância e funciona “[...] identificando a forma básica do corpo humano e conferindo quanto de ‘pele’ ele encontra nessa imagem. Se a taxa for muito alta, a possibilidade de se tratar de um ‘nude’ também é alta. Nesse caso, a foto é bloqueada”. (MÜLLER, 2015).

De posse de novas ferramentas inerentes à cultura digital, as relações sociais passam a migrar para o ciberespaço e o contato físico parece já não ter tanta importância.

Os relacionamentos que se tecem constantemente na Internet, construídos em torno de toneladas de palavras e imagens, costumam prescindir do contato imediato com os corpos físicos dos interlocutores. Mas isso não impede que nessas trocas sejam criados fortes laços afetivos, como é óbvio. (SIBILIA, 2016, p. 90).

Nessa perspectiva, surge o *sexting*, esse termo é fruto da junção das palavras sexo (*sex*) e *texting*, resultando em *sexting* que se refere ao “envio de conteúdo erótico pessoal por qualquer meio eletrônico, incluindo mensageiros instantâneos e *e-mails*”. (HAMANN, 2009). A expressão foi elaborada quando a troca de mensagens de teor sexual era realizada majoritariamente com o uso de texto.

Em meados da segunda década deste século, inclusive, esse hábito antes impensável ficou simbolizado pela expressão ‘manda nudes’, que virou uma sorte de contrassenha para quem deseja receber fotos *éxtimas* dos interlocutores em canais de comunicação como *WhatsApp* ou *Snapchat*. (SIBILIA, 2016, p. 271).

Sibilia (2016) elucida que a prática tem origem na primeira década deste século, com o surgimento dos *pornologs* (quando o nu parcial era exibido) e também com os *egologs* (o termo significa que o alcance de visibilidade alimenta o ego das pessoas que divulgam imagens permeadas pela ideia de sensualidade e erotismo). Então, após o sucesso da divulgação desse tipo de conteúdo e com a popularização das câmeras digitais nos aparelhos móveis de comunicação que favorecem essa prática na cultura digital, surge o termo *sexting*. Agora a prática se expande para as plataformas de redes sociais, como é o caso do *Facebook*.

Diante da busca de um eu visível na atualidade, aliada à temática mais abordada na comunidade que é a sexualidade, obtém-se como produto final a prática de *nudes* e *sexting* que integram a interação comunicacional no grupo *Ousadia permitida*. Sibilia (2016) fala da tendência atual pela busca de autenticidade que foge ao padrão divulgado nas grandes mídias. Trata-se de *sites* que incentivam as mulheres a postarem *selfies* nuas em nome da beleza real.

[...] proliferam as campanhas pela beleza das ‘mulheres reais’, animadas por cantoras e atrizes que passam a exibir com orgulho seus corpos considerados fora dos rígidos padrões em vigência, fazendo disso uma bandeira estético-política muito bem-sucedida (SIBILIA, 2016, p. 272).

Segundo a autora, pretende-se alcançar um *status* de realidade, uma vez que não há preocupações com o uso de *photoshop*, por exemplo. Sobre esses espaços, ela ressalva: “[...] é habitual a defesa de uma experiência que seria autêntica e real, em oposição ao estilo considerado falso tanto da pornografia como das publicidades tradicionais”. (SIBILIA, 2016, p. 273). O teor íntimo que, na maioria das vezes, acompanha esses relatos ou imagens é considerado realidade. A realidade é entendida quando se divulga a vida nos bastidores, a vida como ela é. Nesse contexto a comunidade em questão foi criada e a cada dia ganha espaço.

A efervescência das tribos na pós-modernidade acomoda a alteridade inerente à essa cultura nascente. “Toda forma produtora de significação para um grupo determinado pode ser insignificante para outro. A forma, portanto, tem a ver com um grupo particular”. (MAFFESOLI, 2009, p. 24). É essa significação que é cara ao grupo, pois inscreve em seu território uma marca, que se faz pelos costumes, e assim ocorre o reconhecimento que o diferirá de outros.

Das tribos emana um ideal de identificação e, então, brota um imaginário algumas vezes encarnado por figuras idealizadas que : “[...] suscitam um mecanismo de atração, uma estética, tendo como função ética a fascinação que elas exercem, como uma fonte luminosa suscita o que se chama laço social, bem incompreensível sem isso”. (MAFFESOLI, 1996, p. 328). Entretanto, o objetivo final é o estar juntos, seja em torno de um herói do qual emana um ideal ou de um imaginário com o qual as pessoas têm

afinidade. Todavia, vale ressaltar que o mais importante é a comunhão em torno de um sentimento em comum num território simbólico a se proteger ou se apoderar.

Prática de *nudes* na comunidade *ousadia permitida*

Na atualidade, a prática de *nudes* acontece com bastante frequência nos meios digitais. Assim, as pessoas são mobilizadas pelo desejo de visibilidade a ponto de mostrarem-se nuas. Em comunidades na plataforma *Facebook* tal fenômeno é comum, porém, a prática é tida como conteúdo impróprio pela administração da plataforma que, normalmente, recorre ao uso de *softwares* de inteligência artificial como o *#IsItNude*. Outras vezes, o *Facebook* utiliza recursos humanos para fazer as avaliações, afinal a objetividade dos algoritmos nem sempre é compatível com a subjetividade humana, portanto, pessoas contratadas pela plataforma costumam avaliar as publicações denunciadas, por exemplo. Uma artimanha adotada pelos usuários para driblar a inteligência artificial é cobrir uma pequena parte do corpo enquanto partes mais íntimas são reveladas. Já que nesses grupos é comum a divulgação de si permeada por ideias que debatem os relacionamentos íntimos e a sexualidade, com frequência são divulgados *nudes*, o que culmina algumas vezes no bloqueio da conta do usuário e, por isso, as comunidades passam a elaborar regras a fim de driblar a suspensão de contas.

Enfatiza-se aqui a pesquisa feita a respeito do tema na comunidade *Ousadia permitida*. Nesse grupo, a prática de mostrar-se nu ou em roupas íntimas, por exemplo, é corriqueira e ocorre seguindo regras próprias do grupo, uma vez que tal atividade é proibida pela plataforma *Facebook* e pode resultar no bloqueio de perfis dos usuários, como dito, ou, em última instância, na extinção do grupo. Há de se pensar sobre a potência intrínseca – regras próprias da comunidade – que procura ludibriar os poderes extrínsecos – regras do *Facebook*, logo, exteriores à comunidade – com a proposta de conservar os costumes que mantêm o grupo vivo (MAFFESOLI, 1998).

A comunidade foi fundada por alguns integrantes de outra comunidade que promovia prática semelhante. Contudo, nesse outro grupo denominado *Ad adultos picante*, a má gestão dos administradores e a grande quantidade de integrantes resultavam na possibilidade de extinção do grupo, pois as regras da comunidade não se atentavam ao poder extrínseco da plataforma – a proibição da prática de *nudes* - bem como os muitos

integrantes também não se preocupavam com a experiência ética – driblar as regras exteriores – o que resultou em bloqueio de diversos perfis e até no arquivamento da comunidade. Por isso havia insatisfação dos integrantes que resolveram fundar outra comunidade mais comprometida com a manutenção das práticas e do grupo. Inclusive desse grupo matriz derivaram outros segmentados como: *AD adultos picante o proibido*, *AD adultos picante LGBT (GLS)*, *Adultos Picantes ardentes*, e que hoje estão desativados.

Nesse contexto, surge a comunidade *Ousadia permitida* fundada pelos administradores A e B, que formam um casal. Todavia, foram eleitas mais quatro administradoras pelo casal fundador, porque fica a cargo dos donos das comunidades delegarem essa função a outros participantes para colaborarem na administração do grupo com a meta de promoverem uma maior interação entre os integrantes. Os administradores gerenciam os conflitos, selecionam os pedidos para participação no grupo etc.

O grupo é constituído, majoritariamente, por pessoas que atingiram a maturidade, entre 31 a 59 anos, e os jovens são a minoria. De início, os fundadores lançaram a sala secreta que funciona como um bate papo de grupo pela ferramenta *in box*. Nota-se aqui a potência intrínseca, pois esse espaço é tido como a possibilidade de postar *nudes* longe da vigilância dos administradores da plataforma e, segundo a administradora A, lá é possível postar tudo que as regras do *Facebook* não permitem. Elabora-se, portanto, uma moralidade própria do grupo para garantir a manutenção dos costumes com a intenção de manter a tribo. Embora exista a possibilidade de bloqueios de perfis por conta da postagem de *nudes*, foram encontradas diversas imagens em que o corpo aparece nu ou com uma pequena parte coberta divulgadas na página da comunidade que é acessada por todos os participantes, independentemente de fazerem parte da sala secreta.

Como experiência ética dessa comunidade, pôde-se destacar as seguintes informações obtidas por meio de entrevistas com os administradores A e B: o perfil (a conta com a qual os usuários fazem *log in*) dos integrantes não pode ser *fake*, não é permitido fazer denúncias à plataforma, não é permitido o desrespeito entre os participantes e aqui se faz presente a ideia de liberdade de expressão tanto de relatos como de imagem dos corpos, ainda que destoem dos padrões de beleza vigentes na sociedade. Ademais, pode haver denúncias na comunidade quando ocorrem conflitos por causa de

desrespeito entre os integrantes, era essa a experiência que a administradora A trazia da antiga comunidade.

Predomina um clamor pela liberdade de expressão no campo amoroso e sexual. Inclusive por se tratar de um grupo constituído em sua maioria por pessoas maduras, muitas imagens revelam os corpos que não emanam a juventude ou a ideia recorrente de perfeição, haja vista a procura por procedimentos cirúrgicos na atualidade. Tal fato não resulta em desaprovação durante a interação, pelo contrário, há grande fluxo de engajamentos com a meta de validar esses corpos.

A partir da etnografia virtual em que foram coletadas todas as postagens diárias durante três meses, foi possível notar outras nuances da experiência ética que ficam subentendidas pela interação como: a aprovação mútua e a oportunidade de visibilidade, bem como o direito à celebridade (SIBILIA, 2016), noção que foi corroborada pelo sucesso das *selfies* das administradoras na comunidade. Em especial da administradora A, fundadora da comunidade. Até o marido da administradora A era colaborador nesse sentido, ao elaborar brincadeiras interativas que davam lugar de destaque à esposa e às demais participantes. Uma das brincadeiras consistia em montar calendários do mês de aniversário das participantes que deveriam enviar fotos ousadas via *in box*. Tal postagem obteve alta quantidade de engajamentos nos botões de reação como *like*, sendo que manifestações parecidas ocorreram com outras brincadeiras, como a da montagem de capa da revista *playboy*, com fotos ousadas das participantes do grupo, feita também pelo administrador B.

Do total de 5.258 reações registradas no período analisado, apenas dez menções se relacionavam a sentimentos negativos por meio dos botões de reação: duas em *angry* (raiva) e oito em *sad* (tristeza). Essa constatação demonstra que o excesso de tolerância é outra característica do grupo, ou seja, não cabe a máscara da insatisfação, abordando também a questão da experiência ética. Observa-se que há hesitação por parte dos integrantes quanto às posturas que promovam a ideia de desprazer, tanto que tais menções foram encontradas comumente em momentos de confissões sobre decepção amorosa em *posts* do tipo enquete.

Interação: práticas na comunidade

As práticas de grupo como ritual em sua repetitividade incidiam nas publicações de relatos e imagens de cunho íntimo feitas em sua maioria por meio de postagens via enquetes, brincadeiras interativas, *selfies* ou *selfies/nudes* e *memes*. Ao fim, percebeu-se que as *selfies* eram as mais populares, quando compilados os *posts* que mais receberam engajamentos via menção em botões de reação. No entanto, quando se mensura o nível de engajamento pela quantidade de comentários, dispararam as brincadeiras interativas, já que essa categoria incentiva a participação ao comentar e formular opiniões usualmente sobre o autor do comentário anterior.

As enquetes consistiam em perguntas para que os participantes respondessem de modo a permitir a exposição de opiniões e preferências, principalmente, no que se refere ao campo de relacionamentos amorosos e sexuais, ficando evidente o apoio emocional entre os integrantes. Nota-se, então, uma espécie de divã virtual e coletivo, inclusive os administradores A e B afirmaram que o grupo funcionava como uma sessão de terapia. A administradora A se autointitulava como terapeuta virtual, assegurando que as trocas de experiências e as brincadeiras serviam como ferramentas de autoaceitação. Ela relatou também que muitos participantes são casados ou pessoas que enfrentam dificuldades nos relacionamentos e entram na comunidade em busca de diversão ou de conforto psicológico.

Por sua vez, as brincadeiras interativas visavam estabelecer a interação por meio de comentários. Ainda eram frequentes os chamados desafios nos quais os integrantes eram incitados a postarem *selfies* e *selfies nudes* de corpo todo ou partes do corpo nos comentários, o que denominavam fotos ousadas em que a palavra coragem aparecia amiúde, ou seja, lançava-se um desafio e aqueles que aceitavam eram os ditos corajosos e ousados. As brincadeiras interativas buscavam promover a interação fazendo com que os integrantes respondessem a perguntas deixadas pelos autores dos comentários anteriores, e a brincadeira normalmente era iniciada com o criador do *post*. Os temas eram, basicamente, sobre relacionamentos sexuais e amorosos e a interação muitas vezes disparava o flerte a partir de perguntas como: A pessoa do comentário anterior faz seu tipo?

A categoria ligada à divulgação de *selfies* e *selfies/nudes* somava a maioria e demonstrava o desejo de aparição. Estes *posts* tinham o intuito de estimular a interação,

pois os participantes se mostravam dispostos a receber *like* ou iniciar conversas com usuários que estavam *online*. Muitas *selfies* ou *selfies/nudes* foram encontradas ainda nos comentários, no entanto, estas não foram contabilizadas. As *selfies* das administradoras eram bastante populares, logo, quando mensuradas as menções nos botões de reação do tipo *like*, *wow* e *love*, essas publicações apareciam com mais frequência.

Em geral, os *posts* continham o rosto da administradora A como marca d'água, a qual também é usada na capa de apresentação da comunidade. Isso revela o desejo de visibilidade, em particular, da administradora A. Ao gerenciar a comunidade tendo sua *selfie* como marca, a administradora A parece buscar o *status* de celebridade, demonstrando ser a personificação da subjetividade alterdirigida de que fala Sibilía (2016).

A quarta categoria que aparece com bastante frequência é o *meme*, que são mensagens simples, informais e sem muita preocupação com a estética, e devido à estrutura simplificada tornam-se virais com frequência. O termo *meme* vem da teoria criada pelo biólogo Richard Dawkins em sua obra “O gene egoísta”. O autor reduziu o termo que vem do grego *mimeme*, a fim de se assemelhar à palavra gene.

Por serem de temas variados, foram divididos em três: *meme* mensagem, aquele que transmitia alguma ideia, comente, sobre relacionamentos sexuais e amorosos; *meme* piada, aquele em que a mensagem vinha permeada de teor cômico, e *meme* cumprimento, aquele no qual se desejava bom dia, boa tarde e afins. Esses *posts* funcionavam como o invólucro da comunidade, aludindo ao que Maffesoli (1996) denominou como a profundidade das aparências. Quando a ideia de hedonismo é cunhada fortemente, uma vez que há apenas o prazer instantâneo, o presenteísmo, que é o hábito de tocar o polegar para cima, essa ferramenta que hoje está totalmente incorporada como valor cotidiano.

Essa categoria, apesar de aparecer em grande número no que se refere à quantidade de *posts*, funcionava mais como pano de fundo na comunidade, pois não estava entre as publicações líderes em engajamentos, entretanto, trata-se de um chamariz para a interação. Ao postarem esse tipo de conteúdo na comunidade, os participantes são acionados pelo *feed* de notícias em cada perfil, o que os guiam até a comunidade para interagirem e a partir daí disparam outras práticas que, conforme os dados coletados,

mostraram-se de maior interesse para os usuários, por exemplo: brincadeiras interativas (56,7%), *posts* contendo *nudes* (30%) e, por fim, as enquetes (13,3%).

Ao postarem *selfies*, as pessoas desejavam que outros integrantes comentassem as publicações. Já que a experiência ética de grupo se faz pela aprovação mútua, não há represálias, o clima é amistoso. Seguido do desejo de receber comentários (33,3%) vem o desejo de receber curtidas ou menções nos botões de reação (23,3%), o que corrobora, mais uma vez, o anseio de visibilidade e o sentimento de receber a aprovação do outro. Conversas via *in box* (20%), tido como o espaço privado no grupo, foi a terceira opção indicada pelos respondentes da enquete, busca por sexo virtual (13,3%) foi a penúltima opção escolhida e, por último, o convite para encontro pessoal (10%). Aqui fica expressa a ideia de hedonismo e presenteísmo (MAFFESOLI, 1998), pois o que importa é a interação no momento, logo, a promessa de uma relação duradoura parece não ser o objetivo dos integrantes.

De maneira semelhante, ao serem questionados sobre as motivações para participarem da comunidade, a ideia de encontrar um parceiro foi a menos mencionada (6,7%), a maioria dizia querer fazer amigos (53,3%), seguido da opção de preferência por conversas mais ousadas no espaço privado (40%). Portanto, o sentimento que une essas pessoas emerge, majoritariamente, pela interação via ciberespaço, o espaço simbólico no qual os relacionamentos vêm se efetivando na atualidade, numa espécie de digitalização das relações. Contudo, o casal fundador é um exemplo de que a relação pode migrar do digital para o presencial. Os administradores A e B se conheceram numa comunidade parecida com a que fundaram, partiram para o encontro presencial e hoje estão casados. Trata-se de uma exceção, pois quando os integrantes foram questionados se já haviam se encontrado com pessoas da comunidade presencialmente, a maioria absoluta, 93,3%, respondeu de forma negativa.

Quando o *link* da enquete foi compartilhado via ferramenta *in box*, foram recebidas várias mensagens contendo *nudes* masculinos em que o órgão sexual era totalmente exposto, demonstrando que o espaço privado funcionava como local apropriado para o *sexting*. Depois foram realizadas algumas abordagens mais sutis como convite para conversa acompanhados de *memes* desejando bom dia, boa tarde etc., ou até convite para sexo virtual e troca de *nudes*. A administradora A garantiu que é natural o

recebimento de *nudes* via bate papo por ser justamente um dos objetivos do grupo. Nota-se que há ênfase no prazer momentâneo e no dispêndio de tempo naquilo que interessa aos participantes, já que as pessoas não se propuseram a responder à enquete que ficou disponível por aproximadamente quatro meses na comunidade.

Um dado relevante foi a aparição de um único *meme* mensagem entre as publicações que mais receberam engajamentos. O referido *post* remetia à ideia de não aceitação por parte da sociedade quanto ao corpo obeso e também do tácito desejo dos homens por esses corpos. Tal publicação recebeu um número considerável de engajamentos do tipo *love*, o que revela a busca por reconhecimento, legitimação e, portanto, inclusão do que é tido como alteridade. Expõe-se mais uma vez a noção de liberdade em que a heterogeneidade se acomoda na harmonia conflitual.

Na comunidade *Ousadia permitida*, os administradores A e B afirmaram em entrevista que muitas pessoas desejavam participar da comunidade para receber atenção, algo alimentado pela interação, quando o desejo de visibilidade podia ser saciado. Entende-se como estética - sentimento de pertença - a mútua aprovação que ocorre via comentários e engajamentos que são os rituais - costumes - que moldam, dão forma ao grupo, ao qual Maffesoli (2009) denomina formismo e que imprime características próprias.

Segundo a administradora A, na sala secreta, onde acontece o bate-papo secreto e coletivo, é possível compartilhar tudo que a plataforma não permite. “Postam tudo que não pode ser postado no *Facebook* comum”. [*sic*]. A seleção de participantes para essa sala secreta é ainda mais minuciosa e os integrantes devem se comprometer com algumas regras como: não fazer *download* das imagens que lá são compartilhadas, respeitar as opiniões e interagir com todos sem exclusões.

Os administradores A e B declararam que já tinham sido bloqueados ou presenciaram bloqueios por causa de postagens aleatórias que muitas vezes não continham nudez. Alegaram inclusive que a gerência da plataforma se assemelhava a uma espécie de *blitz* policial, geralmente entrava em contato depois de denúncias. Isso quer dizer que ao se evitar as denúncias, evita-se também a vigilância, por isso a seleção dos que integram a comunidade é importante. Aliás, a administradora A assegurou que evitava aceitar pessoas muito jovens, pois, dada a experiência pessoal de participar de

comunidades desse tipo há três anos, sabia que poderiam trazer problemas no futuro. Nesse sentido, os entrevistados comentaram que a ação da administração do *Facebook* não ocorre de maneira efetiva, e não sabiam dizer ao certo o que promovia os bloqueios. Todavia, os participantes fazem uso da sala secreta para impedir bloqueios e algumas vezes se arriscam com postagens mais ousadas.

Conclusões

As fronteiras que delimitavam o público e o privado vêm tomando novas configurações. Esse fenômeno é encorajado, sobretudo, pelas novas práticas de interações e relações interpessoais estabelecidas via ciberespaço, como é o caso das postagens de nudes em comunidades da plataforma Facebook.

Na pós-modernidade, eclodem novas formas de socialização ainda em ebulição, sendo o neotribalismo (MAFFESOLI, 1998) vislumbrado no ciberespaço por meio da formação de grupos num constante vaivém, em que a efemeridade é caracterizada pelo desejo de estar juntos no tempo presente. Assim, predomina o dinamismo estático (MAFFESOLI, 1996), no qual a fixidez só toma forma no que concerne ao estabelecimento de um fluxo constante de mudanças. Portanto, uma vez que a publicação de nudes ocorre na comunidade Ousadia permitida, apesar da proibição da plataforma, institui-se uma moralidade própria do grupo alavancada pela estética, ou seja, o sentir em conjunto que funciona como cimento emocional para manter a vitalidade do grupo, coibindo a extinção.

Para que as práticas de grupo se mantenham e, por conseguinte, garanta-se a existência da tribo, é fundamental a elaboração da experiência ética que se esquia dos poderes extrínsecos, ou seja, a proibição da prática de nudes na plataforma. Logo, a sala secreta representa uma alternativa criada pelos participantes e funciona como poder intrínseco, assegurando a permanência tanto das práticas como também da comunidade. A aura estética se guia pela ideia de aprovação mútua em que os integrantes são chamados a divulgarem suas intimidades a fim de obterem o câmbio de engajamentos, o que resulta na comunhão via ciberespaço. A intolerância não está em consonância com os rituais e as práticas de grupo e, em nome da liberdade de expressão no campo amoroso e sexual, há hesitação em mencionar os botões ligados a sentimentos de raiva ou tristeza, o que poderia

transmitir uma noção de não cordialidade. No rumo dessas ideias, os corpos, ainda que distantes dos padrões de beleza da atualidade que exigem juventude e perfeição, são validados na interação e jamais criticados.

Como experiência ética de grupo, destacam-se principalmente dois pilares: as práticas que protegem a comunidade com a proposta de não sucumbir pela vigilância da plataforma que proíbe a postagem de nudes, e a aprovação mútua por meio do câmbio de curtidas visando promover a visibilidade e o ideal de se tornar celebridade. São as práticas que introduzem significados ao grupo, sendo possível citar a possibilidade de visibilidade, a autoconstrução e a aprovação mútua, assim, a nebulosa afetual é construída e dela emana o sentimento comum dos que comungam a tribo.

A ideia de presenteísmo (MAFFESOLI, 1998) é expressa quando a sugestão de encontrar parceiro na comunidade é relegada a segundo plano. A preferência é dada ao hedonismo e ao desejo de interação no ambiente virtual por meio das brincadeiras interativas e postagens de selfie que têm por finalidade impulsionar a interação.

Cria-se um imaginário imerso na perspectiva de inclusão e, portanto, aceitação e aprovação na comunidade, efetivado por meio da visibilidade. Pela interação surge o sentimento de acolhimento, quando ao divulgar relatos via textos e imagens os participantes recebem engajamentos e comentários remetendo à noção de aceitação. Trata-se do sentimento de pertença que chama os sujeitos para comungarem. Diante da ideia de aprovação mútua recorrente na comunidade, fica demonstrada a possibilidade de autoaceitação, uma vez que a subjetividade é legitimada pelos olhares dos pares e, assim, a sede de visibilidade é saciada. Nesse sentido, os corpos são legitimados.

Na comunidade Ousadia permitida, o casal de administradores A e B incorporam a subjetividade alterdirigida (SIBILIA, 2016), a qual deseja ser apreciada e amada pelos pares. Desse modo, o casal age como elemento central para a própria existência do grupo. O administrador B é o agente propulsor de visibilidade da esposa, a administradora A, ao promover postagens em que ela é a protagonista. Há, então, a representação e a publicização da vida íntima pela divulgação de si.

Com base no conceito de figura idealizada que emana um ideal de identificação para o grupo, pode-se alegar que o casal administrador colabora para a aglutinação tanto pela figuração como polo idealizado, inclusive por meio das postagens

que incentivam a interação e que também conferem lugar de destaque e visibilidade, como é o caso das brincadeiras que fazem montagens com selfies dos participantes.

Pelo fato da postagem de nudes ser um fenômeno recente, até a legislação que regulamenta a exibição da nudez ainda está em consolidação, algo evidenciado por meio das constantes mudanças quanto aos termos de uso da plataforma Facebook, por exemplo. A discussão acerca do tema ainda ganha destaque pela aproximação com a noção de pornografia de vingança. No entanto, é possível encontrar diversas comunidades que comungam em torno dessa prática, embora pouco se discuta sobre o assunto como fenômeno na comunicação. A partilha da intimidade se faz cada vez mais presente no cotidiano por meio das redes sociais e, ao suscitar o desejo de estar juntos, forja-se o neotribalismo dando contorno a novos modos de ser e estar no mundo pós-moderno.

Referências

AD ADULTOS PICANTE [Facebook]. 2018. Disponível em:<<https://www.facebook.com/groups/1734272123563028/>> Acesso em: 23 fev. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. In: _____. Os corpos dóceis. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014. p.133-166.

HAMANN, Renan. Você sabe o que *sexting*? **Tecmundo**, 10 nov. 2009. Disponível em:<<https://www.tecmundo.com.br/celular/3070-voce-sabe-o-que-e-sexting-.htm>> Acesso em: 23 jan. 2019.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury Academic, 2015.

MACHADO, Juremir. **Tecnologias do imaginário e sociologia compreensiva: do conceito ao método**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro-RJ: Forense Universitária, 1998.

_____. **O mistério da conjunção**. Porto Alegre – RS: Sulina, 2009.

MÜLLER, Leonardo. Fim do 'nude acidental'? Site identifica fotos de pessoas sem roupas na web. **Tecmundo**. 25 de jun. 2015. Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/imagem/82099-is-it-nude-site-consegue-identificar-pessoas-roupas-fotos-web.htm>> Acesso em: 26 mar. 2018.

MURAD, Carolina. **Nudes como prática de expressão na contemporaneidade:** relatos na comunidade *Ousadia permitida* do *Facebook*. 2019. Dissertação (mestrado). Programa de pós- graduação em Estudos Culturais. Escola de arte, ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2019. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/1654051967983310/>> Acesso em: 28 jan. 2019.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.